

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA

INSTITUTO DE PSICOLOGIA-IP

ALUIZIO MARQUES DA SILVA JUNIOR

**A VIDA É UM SOCO NO ESTÔMAGO: ASPECTOS PSICANALÍTICOS DO MAL  
ESTAR EM A HORA DA ESTRELA DE CLARICE LISPECTOR**

MACEIÓ-AL

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

ALUIZIO MARQUES DA SILVA JUNIOR

**A VIDA É UM SOCO NO ESTÔMAGO: ASPECTOS PSICANALÍTICOS DO MAL  
ESTAR EM A HORA DA ESTRELA DE CLARICE LISPECTOR**

Ensaio teórico psicanalítico apresentado ao curso de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, a ser utilizado como diretriz para obtenção de título de Psicólogo.

Orientador: Professor Dr. Charles Elias Lang.

MACEIÓ-AL

2022

<b>Introdução</b>	<b>5</b>
<b>1 MAL ESTAR E DESAMPARO</b>	<b>6</b>
<b>2 SUJEITO À LINGUAGEM: MAL-ESTAR E CULTURA</b>	<b>8</b>
<b>3 A HORA DA ESTRELA: O CORPO E O MAL-ESTAR NO OCIDENTE</b>	<b>12</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>23</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>24</b>

## **A VIDA É UM SOCO NO ESTÔMAGO: ASPECTOS PSICANALÍTICOS DO MAL-ESTAR EM A HORA DA ESTRELA DE CLARICE LISPECTOR**

### **RESUMO**

Este artigo consiste num ensaio teórico psicanalítico, com o objetivo de articular o conceito de mal-estar em *A hora da estrela*, de Clarice Lispector. A partir do mal-estar freudiano o eixo do presente trabalho se desenvolve: o mal-estar diante da vida, da cultura, a partir da descrição da relação da protagonista Macabéa com o próprio corpo. Com isso realiza-se uma intersecção entre psicanálise e literatura. A discussão do artigo aponta a concepção de mal-estar a partir de uma ética religiosa cristã ocidental, destacando o modo como a díade corpo-prazer foi abordada ao longo dos séculos de catequização do Ocidente. Ressaltando-se, a partir do exposto, o dilema culpa-prazer relacionado à repressão sexual por uma ética religiosa cristã. Através do conceito freudiano, discute-se o mal-estar de Macabéa diante da própria pulsão, ressaltando aspectos do mal-estar no corpo e pelo corpo.

**Palavras-chave:** Mal-estar; *A hora da estrela*; psicanálise.

### **ABSTRACT**

This article consists of a psychoanalytical theoretical essay, with the aim of articulating the concept of malaise in *A hora da Estrela*, by Clarice Lispector. From the Freudian malaise, the axis of the present work develops: the malaise before life, culture, from the description of the relationship of the protagonist Macabéa with her own body. With this, an intersection between psychoanalysis and literature takes place. The article's discussion points to the conception of malaise from a Western Christian religious ethics, highlighting the way in which the body-pleasure dyad was approached throughout the centuries of Western catechization. Emphasizing, from the above, the guilt-pleasure dilemma related to sexual repression by a Christian religious ethics. Through the Freudian concept, Macabéa's malaise in the face of her own drive is discussed, highlighting aspects of malaise in the body and through the body.

**Keywords:** Malaise; *The hour of the star*; psychoanalysis.

## Introdução

O presente trabalho busca referências de condução do estudo a partir da leitura de textos freudianos, sendo o principal deles "O Mal-estar na civilização" (1976a) e o contato com "A hora da estrela" (2020), de Clarice Lispector. A partir do método de leitura *close reading*, através do conceito de leitura atenta, que fundamenta o método de Prose (2008) no livro "Para ler como um escritor", passamos à leitura atenta no que se refere a forma como a leitura do texto é abordada por quem o lê, ao passo que dedica-se atenção no ato da leitura relacionado palavra por palavra, analisando estruturas de frases e técnicas de narrativa enquanto lê-se. A leitura de A hora da estrela (2020), a partir desse método, refere-se à reflexão a respeito da construção e escrita de palavras, frases, parágrafos, narração, personagens, diálogos, detalhes e gestos em literatura no que diz respeito a descrição do aspecto ao qual propõe-se articular com a obra freudiana: o mal-estar.

No que refere-se à pesquisa bibliográfica, foram usadas palavras chaves na pesquisa de bancos de dados online, como Scielo, google acadêmico, sendo as palavras usadas: Psicanálise e literatura, A hora da estrela, mal-estar. Relacionado à pesquisa do termo A hora da estrela, verifica-se, a escassez no que se refere a abordagem da obra A hora da estrela pela psicanálise, sendo a maioria dos trabalhos referidos a conceitos de análise do discurso, como a intertextualidade, a estrutura da obra: referindo-se à influência do movimento Modernista brasileiro, além do enfoque em temas como pobreza e miséria presentes no livro. Sendo a partir disso norteadas a condução do presente ensaio a partir de teóricos que privilegiam discussões mediante a intersecção entre literatura e psicanálise, e verificando-se a possibilidade de uma articulação através da narrativa incômoda, sarcástica de A hora da estrela (2020) e o mal-estar freudiano desenvolvido por Freud.

Sendo assim, passa-se à contextualização da obra de Lispector (2020). A hora da estrela é um romance de Clarice Lispector, escritora brasileira do século XX cujas obras vinculam-se à terceira geração do Modernismo Brasileiro. A partir deste contexto, discute-se os aspectos que marcam a estrutura narrativa das produções do período, como uma narrativa intimista, de cunho psicológico na descrição dos personagens, além da crítica sócio-política e o uso da metalinguagem.

Ao descrever Macabéa como protagonista em *A hora da estrela*, Lispector (2020) traz aspectos do sofrimento humano possibilitando pensar uma articulação entre literatura e psicanálise atrelada ao conceito de mal-estar freudiano. Deste modo, este trabalho propõe realizar uma intersecção entre psicanálise e literatura a partir do contato com a obra *A Hora da Estrela* (2020), de Clarice Lispector.

A partir do conceito de mal-estar freudiano considera-se o mal-estar diante da vida e da cultura através da descrição da relação da protagonista Macabéa com o próprio corpo. Estabelece-se, ainda, os limites da presente discussão, as possíveis e impossíveis interlocuções entre psicanálise e literatura, de forma que a discussão da obra não se proponha como reducionista, generalizante ou até mesmo como uma abordagem diagnóstica de algum personagem. Por conseguinte, têm-se os tópicos: 1-Mal-estar e desamparo, 2- Sujeito à linguagem: mal-estar e recalque, 3-A hora da estrela: corpo e mal-estar no ocidente.

No primeiro tópico: “Mal-estar e desamparo” propõe-se uma correlação entre mal-estar e desamparo como condição fundante e estruturante da subjetividade humana, sendo os aspectos do sofrimento e mal-estar relacionados ao próprio funcionamento do aparelho psíquico através de princípios que regulam seu funcionamento (princípio do prazer, princípio da realidade).

No segundo tópico: “Sujeito à linguagem: mal-estar e cultura” discute-se as dimensões do mal-estar em Freud apontando a cultura como condutora da expressão do mal-estar nos sujeitos, sendo essa expressão de mal-estar mutável, variando conforme o contexto social. No terceiro tópico: “A hora da Estrela: corpo e mal-estar no ocidente”, aborda-se como a díade corpo-prazer foi vista ao longo dos séculos relacionada a repressão sexual por uma ética religiosa cristã. A partir do exposto, o dilema culpa-prazer perpassado por uma ética ocidental cristã. Discute-se o mal-estar de Macabéa diante da própria pulsão, ressaltando o corpo como campo de batalha do sujeito cindido de Freud (1976a).

Portanto, faz-se importante ressaltar que a concepção do mal-estar freudiano em *A hora da estrela* é atravessada por um contexto sexual reprimido que emerge como uma verdade do sujeito da qual ele não pode escapar totalmente. De modo a contemplar o objetivo do trabalho, faz-se necessária uma leitura atenta referente à articulação do conceito de mal-estar com a obra de Lispector (2020), de forma que não haja rarefação das teorias, tampouco a banalização dos

conceitos que serão discutidas *a posteriori*. Sendo assim, A Hora da Estrela remete ao leitor uma narração na qual "a vida é um soco no estômago". Posto isso, reitera-se: é possível uma articulação da narrativa de A hora da estrela com o conceito de mal-estar freudiano?

## 1 MAL ESTAR E DESAMPARO

Um dos pontos norteadores que possibilitam o estudo do mal-estar freudiano é o desamparo, bastante presente na obra freudiana. Discutir aspectos do mal-estar é em certo nível relacioná-lo ao desamparo em Freud como traço constitucional do ser humano. Assim, o mal-estar em Freud é correlacionado ao desamparo e seus estudos são indissociáveis, sendo necessário situar os dois na presente discussão para só então articular o conceito de mal-estar freudiano com A hora da estrela, de Clarice Lispector. Para que não haja rarefação teórica é importante o relacionamento desses conceitos para se atingir o objetivo deste trabalho: articular o conceito de mal-estar freudiano com A Hora da Estrela de Clarice Lispector.

A partir do exposto, e com o objetivo de articular o livro A hora da estrela com o mal-estar freudiano, opta-se por iniciar pelos aspectos do desamparo, tendo em vista que é a primeira condição do ser humano que decorre a partir do nascimento. No que se refere ao substantivo, o desamparo remete “a uma desajuda, à impossibilidade do cuidado de um outro” (CAMPOS E SILVA, 2020, p.4). No contexto da constituição da subjetividade humana, o desamparo se inscreve de maneira estrutural a partir de uma falta fundamental, e nesse aspecto o desamparo é correlacionado ao mal-estar. Afinal, o desamparo é a condição fundamental da subjetividade humana “[...] na medida em que toda a dinâmica defensiva a mobilização da angústia é, em última instância, uma tentativa de prevenção de sua repetição” (CAMPOS E SILVA, 2020, p.2) Dessa forma, o desamparo corresponde a uma condição fundamental da vida humana que indica a impotência do indivíduo em duas dimensões: fundante e estruturante.

Conforme Lacan (2003), ao nascer, o infante é exposto ao frio do tegumento, a sensação de asfixia na tentativa de respirar, ao seio sufocante da mãe que lhe dá o leite que alimenta e ao mesmo tempo sufoca. A situação de dependência impele o bebê a uma relação com o Outro primordial, de forma que o mesmo é impelido ao mundo exterior quando precisa buscar

satisfação através de um objeto exterior, nesse caso o peito da mãe. Conforme Freud (1976 b), a partir do exemplo citado anteriormente, a fome (sensação de desprazer), impulsiona o bebê à homeostase, ou seja, a satisfação de uma necessidade biológica (fome), redução da tensão no aparelho psíquico e introjeção do objeto através da sucção (seio da mãe) onde se estabelece a primeira relação aos diferentes pontos erógenos do corpo (no caso da lactação, a boca) e o consequente desenvolvimento de uma sexualidade perversa polimorfa.

A tentativa de descarga, equilíbrio, redução de tensão remete ao funcionamento do aparelho psíquico através dos princípios do prazer e da realidade, que atuam como reguladores das tensões. tendo em vista que

Diante do desamparo humano original que subordina a satisfação a um outro, um aparelho psíquico se constrói orientado por um princípio de organização, desse modo, contornando o insuportável que o desamparo apresenta. O princípio é uma estratégia para lidar com aquilo que não tem solução natural: o desamparo e o atravessamento pela linguagem (CAMPOS E SILVA, p.5).

A partir do princípio do prazer estabelece-se uma lógica do funcionamento do aparelho psíquico através da redução de tensão, ou seja, da menor excitação possível, atenuando o desprazer. Argumenta-se mediante isso que este princípio trata-se de um princípio de inércia, “Como o bebê, em sua dependência radical do outro para obter a satisfação, não pode controlar os objetos do mundo que lhe trariam a satisfação, diminuindo a excitação, é preciso criar alternativas que possam auxiliar no manejo do contingente de excitação”(CAMPOS E SILVA,2020, p. 3).

Sendo assim, o princípio do prazer opera com a lógica da menor excitação possível “quanto mais baixo (mas não nulo, o que seria a morte) o limiar de excitação (pressão para satisfação), menor será o desprazer” (CAMPOS E SILVA, p 6). Em Os complexos familiares (2002), Lacan reitera a tendência de redução da tensão e o retorno ao estado de inércia, a redução total de tensão, a morte, uma vez que "a tendência à morte seja vivida pelo homem como objeto de apetite"(LACAN, 2003, p.25).

Segundo Campos e Silva (2020, p.3), o princípio do prazer forja a equivalência: excitação igual desprazer. Portanto, no que se discute as dimensões que estão associadas ao aparelho psíquico passa por uma gerência que implica na busca de evitar o desprazer e na

ausência de objeto, essa lógica de organização do sujeito pode “recorrer à alucinação do objeto, fazendo existir no aparelho o objeto suposto satisfazer. Entretanto, esse princípio redigido por Freud não cumpre o que se propõe, pois “ a insatisfação continua mesmo diante do objeto alucinado" (CAMPOS E SILVA, 2020,p.3).

Sobre a produção e sofrimento através do sintoma freudiano, reitera-se que, como afirma Dias (2006,p.4), os sintomas apresentam-se a partir de duas maneiras, ou uma satisfação de algum desejo sexual ou medidas para impedir tal satisfação e “via de regra, têm a natureza de conciliação, de formação de compromisso entre as duas forças que entraram em luta no conflito: a libido insatisfeita, que representa o recalcado, e a força repressora, que compartilhou de sua origem”. A relação dos sujeitos com sofrimento e mal-estar não pode ser explicada apenas em função do princípio do prazer, uma vez que há algo presente na repetição do sofrimento humano relacionado à contínua produção de sofrimento. Em “O mal-estar na cultura”, Freud (1976a) postula os aspectos da pulsão de morte. Para além do princípio do prazer, aparece como descreve Dias (2006, p.6) “a face opaca da pulsão de morte, lei para além de toda lei. A pulsão de morte é, em última instância, a responsável pela repetição, fazendo com que se retorne sempre a um mesmo lugar; lugar de sofrimento e desprazer, o qual proporciona uma satisfação paradoxal”. Por se tratar de um sujeito dividido, cindido, bifurcado, entre as demandas inconscientes e conscientes que regem o funcionamento do aparelho psíquico, os aspectos do mal-estar humano deve ser lido para além do princípio do prazer, que faz o sujeito gozar de seu mal-estar, justificando-se, a partir disso a necessidade de repetir os aspectos que vincula o sujeito ao sofrimento, tendo em vista que “é onde se situa o recurso de tudo aquilo que se manifesta do inconsciente sob a forma de reprodução sintomática.”.(DIAS, 2006, p.6)

Conforme pondera Campos e Silva (2020, p.6), “ a impossibilidade de satisfação pulsional total perante o outro defronta o sujeito a situação de perda e angústia”. Os aspectos de manifestação do mal-estar, seja através dos sintomas, nos sujeitos indicam um processo subjetivo relacionado à própria organização psíquica dos sujeitos e sua relação com o desamparo. o desamparo indica duas dimensões da impotência humana frente à vida, sendo elas de aspecto fundante e estruturante. No que remete à primeira, trata-se de um papel importante na formação do psiquismo no que se diz respeito à construção da subjetividade humana e a vida social. Há também uma dimensão que remete propriamente à situação psíquica de desamparo,

essa dimensão se articula com o que Freud chamou de mal-estar na civilização, que será discutido com mais afinco no próximo tópico.

## 2 SUJEITO À LINGUAGEM: MAL-ESTAR E CULTURA

Desde a Grécia Antiga até os dias atuais o sofrimento humano é assunto de discussão entre diversos pensadores como Aristóteles, Santo Agostinho, Friedrich Nietzsche e Sigmund Freud. As causas do sofrer e os sentimentos vinculados a essa experiência humana são base de estudo de ciências como filosofia, psicologia e psicanálise.

Na premissa de discutir os aspectos do sofrimento humano e sua relação com a civilização, Freud em *O Mal-estar da civilização* (1976a), apresenta as fontes de sofrimento humano (o próprio corpo, o mundo externo e a relação com o outro semelhante), a dinâmica do mal-estar do ser humano diante das normas culturais e da vida. Tendo em vista a proposta do presente trabalho: a intersecção entre literatura e psicanálise pelo conceito de mal-estar freudiano através de Lispector, passa-se à necessária contextualização do conceito de mal-estar freudiano no que se refere à relação entre sujeito e cultura.

Assim, a concepção de cultura (*Kultur*, tradução de civilização do alemão para o português) segundo Freud, seria:

todo o conhecimento e capacidade que o homem adquiriu com o fim de controlar as forças da natureza e extrair a riqueza desta para a satisfação das necessidades humanas; por outro, inclui todos os regulamentos necessários para ajustar as relações dos homens uns com os outros e, especialmente a distribuição da riqueza disponível (FREUD, 1976a, p.16).

Posto isto, a partir do nascimento decorre o que pode ser caracterizado como um mal-estar constitucional: o processo de alienação do sujeito à linguagem. A interação cultural através da linguagem se dá mediante a relação do sujeito com a palavra, considerando que os seres humanos estão inseridos em um contexto de língua, costumes e crenças que integram determinada cultura. Sendo assim, tornar-se humano é constituir-se a partir da linguagem.

Ser humano é ser sujeito, sujeito porque precisa assujeitar-se a algo. Aqui cometemos um pleonasma: "sujeito assujeitado" à linguagem. Ressalta-se, portanto, que em razão do processo de alienação diante da linguagem o indivíduo constitui-se sujeito, de modo que a língua moldará sua percepção, tal qual molda "nossos pensamentos, nossas demandas e nossos desejos" (FINK, 2018, p. 87).

A concepção de um sujeito à linguagem contrapõe-se à ideia de indivíduo produzida pelo neoliberalismo, visto que não há uma unidade ou um indivíduo separado do todo, mas um sujeito mediante a relação com o outro, com sua língua, com seus costumes. Afinal, todos nascemos numa linguagem que não foi criada por nós. Sendo assim, “se quisermos nos expressar perante aqueles que nos cercam, seremos obrigados a aprender a língua deles – a língua de nossos pais, à qual podemos nos referir aqui como o discurso do Outro” (FINK, 2018, p.87).

A partir do recalque, a cultura impõe restrição ao gozo de modo que é apenas assim que é possível existir sociedade, ou seja, se os sujeitos renunciarem parte de sua satisfação pulsional diante do processo civilizatório, tendo em vista que o "homem renuncia para civilizar-se"(SILVA, 2012, p.6). Em razão disso, os contextos de sofrimento psíquico se apresentam, de modo que” podemos pensar o sofrimento psíquico como efeito do impasse entre a exigência de renúncia imposta pela sociedade e a pulsão, sendo o sintoma neurótico efeito das dificuldades dessa negociação” (SILVA, 2012, p.2).

O mal-estar na civilização traz reflexões importantes acerca do papel da cultura na condução do mal-estar, tendo em vista que Freud trata de uma condição inerente ao homem enquanto ser de cultura. Ressalta-se, diante disso, de que forma as mudanças na cultura podem conduzir a diferentes formas de expressão do mal-estar. Tendo em vista as mudanças sociais relacionadas ao próprio contexto social, no contexto de Freud devido a rigidez das normas sexuais relacionadas principalmente à sexualidade feminina (CAMPOS E SILVA, 2020, p.3). Afirma-se, assim, que o mal-estar em Freud (1976a), diz respeito à relação do ser humano com a cultura como repressora dos impulsos sexuais, tendo em vista que a repressão cultural atua frente às pulsões libidinais e só através do recalque de tais pulsões que a existência da cultura é possível. Entretanto, o conceito de mal-estar freudiano não diz respeito apenas a uma insatisfação ou à infelicidade, que são constitucionais ao ser humano, mas se refere a um aspecto

estrutural pelo qual se constitui o psiquismo.

No que tange a atuação da cultura na mediação entre o sujeito e a linguagem, os processos subjetivos que envolvem o civilizar-se (como a renúncia pulsional) são relacionados ao que se refere a concepção do mal-estar nos sujeitos. Ao discorrer no livro *Mal estar da cultura* (1976a), Freud apresenta a constituição da civilização em razão da renúncia à satisfação da pulsão do homem. O título do livro, *O Mal-estar na civilização*, discorre sobre a tese explanada por Freud durante todo o livro, de que o mal-estar nos indivíduos se daria através da interação entre o ser humano e a cultura. A partir desse viés, cultura seria o instrumento de repressão da satisfação pulsional, onde o sujeito, através do recalque, conseguiria reprimir sua pulsão tendo em vista o cumprimento de certas regras impostas pela cultura.

A partir do recalque, a cultura impõe restrição ao gozo de modo que é apenas assim que é possível existir sociedade, ou seja, se os sujeitos renunciarem parte de sua satisfação pulsional diante do processo civilizatório, tendo em vista que o "homem renuncia para civilizar-se" (SILVA, 2012, p.5). Em razão disso, “podemos pensar o sofrimento psíquico como efeito do impasse entre a exigência de renúncia imposta pela sociedade e a pulsão, sendo o sintoma neurótico efeito das dificuldades dessa negociação” (SILVA, 2012, p.6).

Neste contexto, emerge o que Freud chamou de mal-estar na civilização, ou seja, mediante a interação cultural, parte da satisfação pulsional é recalcada diante do “civilizar-se”, uma vez que

O homem não é naturalmente orientado, algo é sentido como perdido, mesmo que nunca tenha sido alcançado. A cultura, enquanto mediação simbólica, configura o problema que não pode, na verdade, ser superado, mas para o qual ela é insistentemente convocada a apresentar respostas (SILVA, 2012, p.3).

É através da palavra/lei que a cultura opera como reguladora do comportamento dos sujeitos e pode apresentar-se em três eixos principais: a ética religiosa, a ética médica e a ética jurídica. A mediação entre sujeito e cultura estabelece parâmetros de conduta pelos quais os sujeitos se relacionam em sociedade por intermédio de uma lógica binária: Segundo Barbosa et.al 2011, a dualidade na ética cristã ocidental corresponde à santidade-pecado. Na ética médica, conforme Canguilhem (2009), a lógica binária corresponde aos conceitos de saúde-doença. No que diz respeito à ética jurídica, que remete a atuação do Direito na regulação do comportamento

dos sujeitos com a lei, de acordo com a concepção de Kelsen (1986), discute-se a noção dualista civilização-barbárie.

O Direito normatiza o comportamento dos sujeitos através do estabelecimento de leis pelas quais o convívio social se torna possível, de maneira a evitar a barbárie e contribuir para a falsa noção de progresso da modernidade, como se observará adiante. Toma-se como exemplo hipotético uma briga na qual os sujeitos devem renunciar parte de sua fantasia destrutiva de um outro semelhante, controlando seus impulsos de ódio, visto que o Direito regula o comportamento e estabelece limites em relação à conduta no convívio social, como: agressão moral, verbal, física.

Ocorre, a partir disso, o processo de alienação do desejo, em que o sujeito se submete às leis do Estado, de forma a suprimir a vazão de tais pulsões e possibilitar o convívio em sociedade. É mediante o estabelecimento desses limites que a lei serve como instrumento de regulação/punição dos que fugirem à norma. Sendo assim, no que se refere à ética jurídica, o que escapa à norma é passível de ser considerado “crime e sujeito à punição” (KELSEN, 1986, p.16), e dessa forma a ética jurídica atua diante da repressão das pulsões que impossibilitam o convívio em sociedade.

Já no âmbito médico, o processo de normatização dos sujeitos ocorre pelas dimensões do normal e do patológico e são mediados por uma ética “biologicista” dicotômica (saúde-doença), visto que o que foge à norma na ética médica é constatado como doença e “passível de medicalização”(CANGUILHEM, 2009, p.11). Ressalta-se ainda um último aspecto que, em função, media a relação do sujeito diante da cultura: a ética religiosa, que no contexto ocidental é diretamente influenciada pelo cristianismo. Na ética religiosa cristã, a qual o ocidente está sujeito, “o que foge à norma religiosa é concebido como pecado” (BARBOSA et.al. 2011, p.27). Esse último aspecto apresenta-se com mais afinco na narrativa de A hora é da estrela, no que se relaciona à Macabéa e o mal-estar que é descrito mediante o seu próprio corpo, o que será discutido a *posteriori*.

### 3 A HORA DA ESTRELA: O CORPO E O MAL-ESTAR NO OCIDENTE

Diante do exposto, propõe-se uma intersecção entre psicanálise e literatura, uma vez que a última traz consigo aspectos da época na qual foi produzida, sendo importante ferramenta de discussão e reflexão no que diz respeito às formas como determinados temas foram abordados em relação ao contexto da época na qual a obra foi produzida. No que tange ao aspecto do nosso trabalho: A articulação do mal-estar freudiano a A hora da estrela de Clarice Lispector. De forma a articular o conceito do mal-estar diante da vida, da cultura, o presente trabalho se desenvolve com a intersecção com a obra A hora da estrela (2020).

A escrita de Lispector apresenta-se como um soco no estômago em relação ao mal-estar diante da vida. Através do uso de ironia e sarcasmo a obra dispõe causar desconforto no leitor, visto que a narrativa de A hora da estrela "é acompanhada do princípio ao fim por uma levíssima e constante dor de dentes, como dentina exposta" (LISPECTOR, 2020, p.32). Assim, a história se desenvolve através de uma narrativa descritiva das sensações proprioceptivas de Macabéa em uma perspectiva do mal-estar em relação à vida, tal qual uma dor de dente.

Dessa forma, a presente discussão torna-se relevante pois “nos remete à problemáticas da vida real, contribuindo a fim de ampliar a compreensão sobre o próprio ser humano e o mundo que o cerca” (SILVA e CAVALCANTE, 2021, p.2). De maneira a pensar uma articulação entre a obra de Clarice Lispector e o mal-estar relacionado à vida e ao civilizar-se, faz-se necessária a argumentação diante dos aspectos etiológicos pelos quais o mal-estar se inscreve na vida dos sujeitos: primeiro pela repressão sexual edipiana, em seguida, pela interação cultural.

Para articular A hora da estrela e o mal-estar mediante uma ética religiosa cristã, faz-se necessária a discussão a respeito de como o corpo foi abordado ao longo dos séculos até a concepção ocidental cristã no Ocidente, pela qual a narrativa de A hora da estrela é perpassada. Essa abordagem a respeito do corpo torna-se importante ao considerar que “no corpo estão inscritas todas as regras, todas as normas e todos os valores de uma sociedade específica, por ser ele o meio de contato primário do indivíduo com o ambiente que o cerca”(DAÓLIO, 2003, p.39).

Para o início desse delineamento histórico a respeito do corpo, recorre-se aos tempos gregos, nos quais o corpo era visto como sinônimo de beleza, digno de exaltação, além de a nudez ser glorificada através do culto ao corpo. Tendo em vista que "o corpo nu é objecto de admiração, a expressão e a exibição de um corpo nu representavam a sua saúde e os Gregos apreciavam a beleza de um corpo saudável e bem proporcionado" (BARBOSA et.al. 2011, p.25). De forma que essa relação com o corpo remete à valorização "pela sua saúde, capacidade atlética e fertilidade" (BARBOSA et.al. 2011, p.25).

No contexto grego, o tabu relacionado ao corpo e a nudez não era tão autoritário quanto ao que se refere aos padrões impostos pela ascensão de um cristianismo ascético no ocidente. Entretanto, isso se refere apenas aos padrões do corpo masculino, uma vez que o lugar ocupado pelo corpo feminino era o do exercício de uma única função: reprodução. Visto que "os prazeres eram do domínio masculino, não do feminino"(ROSÁRIO, 2006, p.4). Assim, a civilização grega "não incluía as mulheres na sua concepção de corpo perfeito, que era pensado e produzido no masculino. as normas para os homens eram mais soltas, permitindo a bigamia e a homossexualidade" (ROSÁRIO, 2006, p.5).

Contudo, com a influência do cristianismo, a noção de corpo passa por transformações que nortearão a maneira como o ocidente moderno aborda a relação corpo-prazer, de maneira que mediante ao exposto constitui-se uma nova percepção, uma vez que "o corpo passa de expressão de beleza para fonte de pecado, passa a ser proibido" (BARBOSA et.al. 2011, p.25). Com o domínio do cristianismo durante a Idade Média, têm-se, portanto, o estabelecimento dos parâmetros de um cristianismo ascético que nortearam as noções de corpo à época, uma vez que "a união da igreja e Monarquia trouxe maior rigidez aos valores morais e uma nova percepção de corpo"(BARBOSA et.al. 2011, p. 27).

Segundo o papa Gregório IX, o corpo é "abominável vestimenta da alma" (LE GOFF; TRUONG, 2006, p. 11). A discussão a respeito sobre a visão de um corpo corrompido pelo pecado, pela concupiscência da carne, corrobora na maneira pela qual ele é regulado pela ética religiosa nesse período, na Idade Média. Portanto, a ética religiosa opera na mediação entre o contato do sujeito e o divino, de forma que os que transgridem a norma religiosa são pecadores e, à época, técnicas coercitivas, como o auto-flagelo, eram aplicadas através da penitência e aos

hereges eram destinados “os castigos e execuções públicas, as condenações pelo tribunal do Santo Ofício (a Inquisição – oficializada pelo papa Gregório IX), o auto-flagelo marcam a Idade Média” (BARBOSA et.al. 2011, p.27).

O desenvolvimento da noção de pecados capitais, ocorre no período supracitado, essa sequência de acontecimentos relacionados à concepção de uma ética da relação com o próprio corpo e desejo serão a base para a formulação da relação ocidental entre corpo e o mundo externo. Sendo assim, no que se relaciona à ética religiosa e à mediação entre o sujeito e o divino, ela apresenta-se como restritiva. A afirmação anterior pode ser constatada de forma que ela estabelece limites na relação do sujeito com o próprio corpo e o corpo do outro semelhante.

[...] entre os esquemas utilizados, o mais importante é, sem dúvida, o sistema dos pecados capitais. Aperfeiçoado no século V por Cassiano, e readaptado por Gregório Magno, o esquema prevê oito pecados principais, hierarquicamente organizados em uma espécie de exército, onde o orgulho exerce funções de comandante supremo, seguido dos sete outros vícios ( vaidade, inveja, cólera, preguiça, avareza, luxúria e gula) [...] (CASAGRANDE E VECCHIO, 2006, p. 345).

Na Idade Média, através do trabalho desenvolvido por Payer (2009), analisa-se o desenvolvimento de conceitos relacionados ao pecado sexual e o corpo, como o conceito de Luxúria desenvolvido pelo papa Gregório IX. O período citado anteriormente influenciará diretamente o desenvolvimento de uma ética religiosa ocidental, considerando o efeito de quatorze séculos do cristianismo, no que concerne à concepção de corpo. Tendo em vista a abordagem do cristianismo em relação à díade corpo-prazer, ressalta-se o corpo pelo qual emerge o mal-estar, uma vez que há "repressão do cristianismo, vendo-o como erótico ou vulgar, e lugar de pecado" (VIEGAS, 2008, p.14).

Em um contexto ocidental, a ética Cristã se apresenta como um pilar no qual alguns sujeitos se situam mediante um ideal de santidade, o que consiste na renúncia de parte de sua satisfação pulsional de forma a se encaixar em um ideal e se tornar parecido com Cristo. Estabelece-se, assim, um paradoxo: ao mesmo tempo que o corpo é abordado como lugar de pecado, também é uma característica de fé, tendo em vista que “para o cristianismo, o corpo sempre teve uma característica de fé; é o corpo crucificado, glorificado e que é comungado por todos os cristãos” (BARBOSA et.al. 2011, p.27).

Como já mencionado, as normas jurídicas, médicas e religiosas mediam a relação entre sujeito e cultura, faz-se diante disso o recorte a partir da noção de norma religiosa e mal-estar. Tendo em vista o propósito de contemplar o objetivo de articular mal-estar em *A hora da estrela*, é importante pontuar que o conceito freudiano será discutido através da personagem ficcional Macabéa e sua relação com o próprio corpo.

Embora seja uma ficção, *A hora da estrela* apresenta pontos relevantes referentes à concepção de mal-estar e a articulação para a discussão de aspectos que perpassam a subjetividade humana, como o mal-estar mediante a relação com a cultura, sendo análoga a um soco no estômago. Verifica-se, assim, a necessidade de ressaltar que em todos os momentos da trajetória da alagoana o contexto sexual se apresenta, ainda que de forma velada.

À vista disso, *A hora da estrela*, se passa entre a interlocução dos pontos de vista do narrador Rodrigo S.M. e de Macabéa diante do dilema de sua relação com o próprio corpo. Quando o narrador se refere à nordestina, diz: "ela como uma cadela vadia era teleguiada exclusivamente por si mesma"(LISPECTOR, 2020, p.27), e dessa forma situa a narrativa no campo do interior da personagem em um romance de cunho psicológico. Reitera-se, dessa forma, no que se refere à análise dos pontos que sustentam a presente discussão, que o mal-estar se apresenta intrínseco no corpo de Macabéa, corpo esse pelo qual emerge a pulsão, o que pode ser observado mediante a relação conflituosa de Macabéa com as próprias sensações proprioceptivas.

Como quem desenrola um novelo, o narrador Rodrigo percebe-se identificado com a história da imigrante nordestina ao dizer que ela se "grudou na pele qual melado pegajoso ou lama negra" (LISPECTOR, 2020, p.19). A palavra toma a cena da importância na narrativa da alagoana. Evidencia-se, portanto, a relevância das palavras de maneira que o narrador argumenta: "que ao escrever que o nome real seja dado às coisas" (LISPECTOR,2020, p.27).

Em razão disso, entre os mal entendidos da linguagem, o narrador se preocupa em dizer o que precisa ser dito, de forma a contemplar as dimensões às quais a palavra está submetida, como a volatilidade do significado, o mal entendido. Tendo em vista que "às vezes temos a impressão de não conseguir encontrar palavras para expressar o que queremos dizer, e de que as palavras de que dispomos não são exatas, dizendo demais ou de menos" (FINK,2018, p.87).

São pelos equívocos da linguagem, um dizer demais ou de menos, que Clarice, através do narrador-personagem, ressalta a relação conflituosa de Macabéa consigo mesma. Como um viver que dói, Macabéa é apresentada ao leitor por Lispector (2020, p.40): “era assim: ficava faminta, mas não de comida, era um gosto meio doloroso que subia de baixo do ventre e arrepiava o bico dos seios e os braços vazios sem abraço. Tornava-se toda dramática e viver doía” Posto isso, ressalta-se que em todos os momentos da narração o contexto sexual reprimido se apresenta como um mal-estar que emerge do corpo, que produz sofrimento, pelo qual a vida é vista, segundo a autora, como um soco no estômago. Essa afirmação anterior pode ser ressaltada através de alguns trechos, como na relação da Macabéa mediante do uso de uma expressão católica ao elaborar a própria culpa diante da pulsão sexual, o que pode ser observada no trecho em que afirma que "se sentia de propósito contente e culpada" e em decorrência do constante sentimento de culpa, autopunição e autocensura, expiava-se através da reza, como quando "rezava mecanicamente três ave-marias, amém, amém, amém". (LISPECTOR,2020, p. 55).

Um episódio que ilustra o exposto pode ser observado em seu contato com Olímpico, personagem secundário na obra: “havia no começo do namoro, pedido a Olímpico um retratinho tamanho 3x4 onde ele saiu rindo para mostrar o canino de ouro e ela ficava tão excitada que rezava três pais-nossos e duas ave-marias para se acalmar.” (LISPECTOR, 2020, p.57). A expressão "ave-maria" surge em um contexto que remete às orações católicas na elaboração do próprio mal-estar. A partir dos diálogos presentes no livro, infere-se que as rezas se apresentam como expiação diante da culpa que acometia Macabéa após entrar em contato com sua pulsão. Essa dualidade entre culpa e prazer, da qual se refere a autora, pode ser associada à maneira como o corpo é abordado diante da ética cristã ocidental. Ressalta-se, portanto, que a noção do corpo no mundo ocidental é concebida pelo cristianismo. De modo que "o modelo cristão propõe um princípio dualista, pois ele representa, de um lado, a aproximação do divino e, por outro, a aproximação da matéria do pecado" (ALMEIDA,2011, p.3).

Tendo em vista a influência da Bíblia no desenvolvimento de uma ética judaico-cristã no que se refere a relação das pessoas com a cultura, com o próprio corpo e com o desejo, recorre-se à ela para ponderar através do texto bíblico as concepções de corpo e mal-estar. Desde as cópias em latim, que eram os exemplares da época, a bíblia já foi traduzida para muitas

línguas. já foi traduzida para muitas línguas. Entre traduções, modificações na produção de sentido podem ocorrer devido a volatilidade da semântica das palavras de um idioma para o outro. Apresenta-se como exemplo a palavra saudade, a qual não existe equivalente direto em outra língua. Diante dessa ponderação apresenta-se uma limitação do presente ensaio, o acesso aos textos bíblicos antigos é estritamente difícil, nas versões em hebraico e grego.

Contudo, levando em consideração a influência da tradução que se popularizou como o mais popular livro da literatura inglesa, A bíblia do Rei Jaime I, ou King James, data da primeira publicação em 1611 . Segundo Alencar (2012, p.115) a uma tradução inglesa da Bíblia realizada em benefício da Igreja Anglicana, no início do século XVII. A presente tradução usa o Texto Massorético (Bíblia Hebraica Stuttgartensia) para tradução do Tanakh ( é a sigla para Torá (os livros de Moisés), Neviim (os profetas) e Ketuvim (os escritos históricos); este conjunto integram a bíblia e dessa maneira foi difundido o livro de grande influência no desenvolvimento da língua e cultura inglesa, de forma que os processos de catequização das colônias implicam na influência desses textos em países de língua não inglesa em razão de traduções literais do texto produzido na época de do Rei Jaime I.

A partir da tradução literal do inglês para o português, King James fiel, sem flexibilização de verbo, e tradução direta dos vocábulos, transcreve-se os textos bíblicos que nortearão a presente análise. Ainda que pese consideravelmente os bons insights da bíblia inglês, o fato é que a BKJ não é uma tradução vinda diretamente do texto original em Hebraico/Grego, mas uma tradução/adaptação em português de outra tradução existente, tendo em vista os nuances que compõem o inglês jacobino da época e a tradução para o português.

Entretanto, pela versão inglesa ser a versão mais difundida no mundo e a sua consequente influência, opta-se por uma tradução que preserve os aspectos semânticos da palavras e ao mesmo tempo que representa a influência da disseminação desse livro na concepção da ética cristã ocidental e estabelecer-se uma intersecção com o mal-estar freudiano e a A hora da estrela (2020) mediante a descrição da relação da protagonista mediante com o corpo mediante uma ética religiosa cristã ocidental.

A partir dela que se retira alguns versículos bíblicos que exemplificam a influência da ética judaico-cristã sobre o pensamento ocidental e o desenvolvimento de uma noção de pecado, proibição do desejo e o mal-estar com o próprio corpo.

A afirmação anterior pode ser observada no trecho: "Tendo, portanto, amados, essas promessas, purifiquemo-nos de toda a imundícia da carne e do espírito, aperfeiçoando a santidade no temor de Deus"(2 CORÍNTIOS, 7:1) As traduções mais atualizadas, como a tradução da Revista Almeida e Corrigida, usam o termo corpo em substituição ao vocábulo "carne" em referência a construção da noção de corpo.

O contexto de harmonia com ideal de santidade dar-se-ia mediante a renúncia, o que pode ser observado, por exemplo, através do aforismo bíblico: "Então disse Jesus aos seus discípulos: Se algum homem quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz, e siga-me"(MATEUS,16:24). A renúncia de parte da satisfação pulsional na tentativa de encaixe em um ideal se caracteriza como um aspecto da neurose, que nesse contexto de saúde mental se apresenta em relação a harmonia com o ideal de santidade cristã, a conseqüente falha desse ideal suscita o mal-estar.

Após a nova revelação Judaico-Cristã, o pecado, entendido como a transgressão à norma religiosa, não se associa apenas ao ato em si, mas ao próprio pensamento vinculado ao desejo. A transgressão não se realizaria apenas no ato, mas no próprio fantasiar, o que pode ser visto na parábola bíblica que ilustra um adultério: "Eu, porém, vos digo, que qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, em seu coração, já cometeu adultério com ela"(MATEUS, 5:28). Ou seja, ainda que o ato não se concretize, a intenção por si só, concretiza-se pecado. O sujeito é posto em um estado de vigília constante relacionado ao próprio corpo, onde a ameaça está em si mesmo: "Vigiai e orai, para não cairdes em tentação"(MATEUS, 26:41).

O desejo, a partir desse viés cristão, é visto como uma ameaça ao corpo, ao qual o sujeito deve se precaver e se defender. Sendo assim, a norma religiosa apresenta-se intrínseca no que se refere à concepção do mal-estar ocidental orientada por uma ética cristã, estando vinculada diretamente na relação do sujeito com o próprio corpo

À vista disso, situa-se a relação da personagem Macabéa com o próprio corpo, apresentando-se como uma pulsão frente a um desejo negado, mortificado, reprimido, recalçado.

Evidencia-se, portanto, na narrativa um mal-estar diante do desejar frente a uma proibição religiosa, do corpo crucificado pela culpa. Uma vez que o corpo "ao estar relacionado com o terreno, o material, seria a prisão da alma, torna-se culpado, perverso, necessitado de ser dominado e purificado através da punição" (BARBOSA et.al. 2011, p.26).

Tendo em vista que o ocidente, devido a grande influência do Cristianismo no desenvolvimento de valores culturais, está "vinculado a uma moral cristã, fazendo com que o prazer e o desejo sejam vistos como algo errado, ao serem sentidos, deve sentir-se culpada e pedir perdão a Deus" (CAVALCANTE e SILVA, 2021, p.2). A afirmação anterior pode ser constatada na descrição sobre Macabéa é descrita em A hora da estrela, quando é considerado que a alagoana "viviu numa espécie de atordoado limbo, entre céu e inferno"(LISPECTOR, 2020, p.32). Dessa forma, o leitor depreende-se sobre o esforço de Macabéa em esquivar-se do feio, do proibido, do sexual, do erótico. Em A hora da estrela Macabéa é exposta ao que lhe escapa: o fato de que embora tentasse recalcar as pulsões, elas lhe apareciam como sucedâneo: nos sonhos, na fala.

Descrita nas últimas linhas de A hora da estrela como alguém de pulmões frágeis, Clarice, por meio de sua escrita, apresenta-nos uma Macabéa fraca de corpo, raquítica, vulnerável e suscetível à doenças. Macabéa alimentava-se de sanduíche de mortadela e coca cola. Em decorrência disso, a má nutrição a tornou suscetível a doenças e logo tornou-se tuberculosa. Freud em O mal-estar na civilização (1976a), disserta sobre as três formas de sofrimento relacionados à vida; o sofrimento advindo do padecimento do corpo, a relação do sujeito com o mundo externo e as relações com outros seres humanos. Em articulação com o objetivo do presente trabalho, evidencia-se o primeiro aspecto do sofrimento humano trazido por Freud (1976a, p.21) que será articulado à narrativa de A hora da estrela: o padecimento do próprio corpo, "que fadado ao declínio e à dissolução, não pode sequer dispensar a dor e o medo, como sinais de advertência, do mundo externo". Diante do exposto, aborda-se a narrativa de A hora da estrela (2020), na qual o corpo mais uma vez é evidenciado na narrativa como fonte de mal-estar, quando a descrição da saúde da alagoana (apresenta) diante de um corpo fraco, cariado e tuberculoso.

Através do padecimento do corpo, ressalta-se um aspecto do sofrimento de Macabéa: um sofrer do corpo definhando perpassado por um mal-estar vinculado à própria sexualidade, o que pode ser ilustrado quando ela vai ao médico. Diante do padecimento do corpo, a alagoana vai ao médico e imediatamente outro aspecto de seu mal-estar se apresenta: a sua aversão ao que remete à nudez. Ao chegar ao médico diz: "ouvi dizer que no médico se tira a roupa, mas eu não tiro coisa nenhuma" (LISPECTOR, 2020, p.61). É um sofrer conjunto: ao mesmo tempo que padece dos pulmões por causa da tuberculose, esquiva-se do contato com a nudez. O mal-estar no corpo e com o corpo. Um exemplo da relação de Macabéa com a nudez pode ser ressaltada no trecho: "trata-se de moça que nunca se viu nua por vergonha. Vergonha por pudor ou por ser feia?" (LISPECTOR, 2020, p.19)".

No contexto ocidental cristão, não raro, a nudez é vista como algo abominável. A afirmação anterior pode ser atestada quando em Gênesis, Noé, embriagado, é coberto por seus filhos de forma a esconder sua vergonha. (JULIEN, 1997, p. 8). Dessa maneira, a nudez, não raro, é vista como algo repudiado até mesmo entre o casamento sagrado. Uma vez que "perante o deus cristão, o deus que estava em toda a parte, os homens e as mulheres deviam ocultar o corpo. Nem entre os casais, na intimidade, ele deveria ser inteiramente desvelado, o pecado rondava tudo" (BARBOSA et.al. 2011, p.26).

Lispector reitera outro aspecto vinculado ao corpo em A hora da estrela: um corpo apático, cariado, que não atrai o olhar do outro, o que pode ser constatado através da descrição de Olímpico: "você, Macabéa, é um cabelo na sopa. Não dá vontade de comer"(LISPECTOR, 2020, p.54). Afinal, ela "era como um feto no lixo embrulhado em um jornal" (LISPECTOR, 2020, p.32). Traça-se, em razão disso, os aspectos pelo qual a descrição de Macabéa e a sua relação com a sexualidade e mal-estar são apresentadas, segundo a autora, mesmo com um corpo apático e murcho. A afirmação anterior pode ser constatada através do seguinte trecho: "Macabéa, esqueci de dizer, tinha uma infelicidade: era sensual. Como é que num corpo cariado como o dela cabia tanta lascívia, sem que ela soubesse que tinha?" (LISPECTOR, 2020, p.55)

No caso da personagem Macabéa, discute-se que seu mal-estar se relaciona através de uma proibição: é proibido desejar. Regida por uma ética cristã, seu pudor com o corpo e a nudez se apresentam como proibições. É proibido sentir, excitar-se, é proibido roubar e desejar roubar.

O corpo na ética cristã é visto como inimigo, como campo de batalha do desejo. Corpo pelo qual emerge a tentação, que posteriormente configura-se como a transgressão da norma religiosa, o pecado.

Em *A hora da estrela*, a partir da descrição da autora, observa-se a narração do corpo de Macabéa como campo de batalha no qual emerge uma pulsão dita imprópria. A afirmação anterior pode ser constatada a partir do termo usado pela autora para se referir ao dilema enfrentado pela nordestina, como já supracitado: “neurose de guerra”(LISPECTOR, 2020, p.32). A afirmação anterior pode ser constatada, como já supracitado, através de seu dilema ao emergir da pulsão sexual: "ficava tão excitada que rezava três pais-nossos e duas ave-marias para se acalmar" (LISPECTOR, 2020, p.30). É a partir do corpo transgressor que as narrativas cristãs trazem aspectos de pecado e conflito diante da relação com o próprio corpo e a elaboração do mal-estar.

Através do advérbio de dúvida "talvez", o narrador justifica a posição da personagem Macabéa em "se defender da grande tentação de ser infeliz" (LISPECTOR, 2020, p. 34). Afinal, desejar implica reconhecer a falta e só se deseja o que não se tem. Verifica-se, portanto, que desejar remete à possibilidade de frustração e percepção da falta. Dessa forma, Macabéa permanecia indiferente a si mesma, continuava "a gostar de não pensar em nada". (LISPECTOR, 2020, p. 32).

Macabéa "tornara-se com o tempo apenas matéria vivente em sua fonte primária". Como um corpo que apenas respira a vida orgânica e não deseja, e se deseja contra o ideal, é crucificado, reprimido, recalado, considerando-se que a autora afirma que "era uma neurose que a sustentava" (LISPECTOR, 2020, p.31). Em decorrência disso, a narrativa traz que “outra vez ouvira: Arrepende-te em Cristo e Ele te dará felicidade. Então ela se arrependera. Como não sabia bem de quê, arrependia-se toda e de tudo.” (LISPECTOR, 2020,p.33). Sendo assim, mediante a descrição da personagem ficcional Macabéa, infere-se que seu mal-estar perpassa por um contexto religioso diante de sua relação com a alteridade, moldado por um discurso cristão ocidental.

Em busca das palavras que integram a narrativa da obra, o narrador diz que está "à procura da palavra no escuro"(LISPECTOR, 2020, p.77). Infere-se, mediante o exposto, que

tendo demonstrado cautela na escolha das palavras, o termo "neurose de guerra" não aparece como um termo avulso. Ao contrário, remete-se a um termo propositalmente escolhido para transmitir algo a respeito de uma contradição de Macabéa, um conflito: neurose de guerra. Um dilema, tendo em vista que: "quanto à moça, ela vive num limbo impessoal, sem alcançar o pior nem melhor" (LISPECTOR, 2020, p. 32).

O dilema entre culpa e prazer evidencia-se através da narração, sendo descrito no texto como neurose de guerra (LISPECTOR, 2020, p.32). Diante de um contexto ocidental cristão, no qual epistemologicamente o corpo é visto como transgressor: "a religião cristã reconhece que o sujeito é dividido pela lei. Quer dizer, que ele não pode respeitar inteiramente, integralmente a lei e que ele é dividido por ela" (MELMAN, 2004, p.24). E por não conseguir respeitar inteiramente a ética religiosa, apresenta-se em desarmonia com o ideal de santidade. É a partir dessa dicotomia, que o corpo se estabelece em virtude de uma ética religiosa experienciada por um viés cristão: é o sujeito cindido, bifurcado, dividido entre o que deseja e o que deseja não desejar, o corpo é abordado como inimigo ao processo de aproximação de um ideal estabelecido pela lei religiosa, que nesse aspecto se refere ao processo de santificação ( ser imagem e semelhança de Cristo, o modelo ideal de santidade).

Dessa forma, o sujeito fica atento aos possíveis ataques que podem surgir em forma de tentação, de maneira a se defender do desejo. Infere-se então que estabelece-se uma articulação com o que Freud (1976a), chama de renúncia de parte da satisfação pulsional, o que, nesse exemplo, ocorre em nome de uma lei, da moral religiosa regida por uma ética cristã. O exemplo anterior corrobora para discutir-se aspectos do sofrimento humano vínculo ao mal-estar, uma vez que embora todo esse ímpeto em recalcar essas representações ditas impróprias, elas escapam ao sujeito e aparecem em

Retoma-se, diante desse ponto, a discussão a respeito do mal-estar constituído através da relação do sujeito com a lei religiosa e de como o processo de renúncia de parte da satisfação pulsional aparece ao sujeito como sucedâneo, que Segundo freud (1976a) está relacionado diretamente na formação dos sintomas, sonhos e atos falhos em um gozo substitutivo, que não necessariamente está ligado ao prazer consciente, tendo em vista que a teoria freudiana discute o sujeito dividido pelas instâncias consciente e inconsciente. Tendo em vista a afirmação anterior,

amplia-se a noção a respeito da relação dos sujeitos com a felicidade e o mal-estar, considerando que, nesse contexto, trata-se de um sujeito cindido, dividido pelo funcionamento dos sistemas consciente e inconsciente.

Segundo Freud (1976a), os chistes, os sintomas, os sonhos, estão relacionados a manifestações do inconsciente do sujeito ao elaborar o que foi recalcado, como ilustrado por Lispector (2020, p.30) ao afirmar que, ao dormir, Macabéa "sonhava estranhamente em sexo".

Essa descrição de Macabéa diante dos próprios sonhos sexuais pode ser articulada ao conceito desenvolvido por Freud(1976), no que se refere à relação entre as manifestações inconscientes referente ao sonho, sobretudo porque o nível de vigília está atenuado, visto que em vigília é recalcada toda representação imprópria. Nos sonhos os desejos são escancarados, como uma verdade que não pode ser totalmente encoberta. Afinal,

Esse pensamento negado — ou melhor, esse impulso — é filho da noite; pertence ao inconsciente do sonhador, por isso é por ele negado e rejeitado. Teve de esperar pelo relaxamento noturno da repressão para chegar a algum tipo de expressão. De todo modo, essa expressão é atenuada, distorcida, camuflada (FREUD, 1976a, p.13).

A narração do heterônimo usado por Lispector(2020), Rodrigo S.M, relata sonhos eróticos diante dos quais Macabéa acordava assustada e tomada por um sentimento de culpa e autocensura. O dualismo entre culpa e prazer apresenta-se na narrativa a partir de tais descrições. Afinal, se sentia de propósito culpada e em decorrência do constante sentimento de culpa, autopunição e censura, expiava-se através da reza, o que pode ser observado no trecho: "rezava mecanicamente três ave-marias, amém, amém, amém"(LISPECTOR, 2020, p. 30).

A narração referente aos sonhos da protagonista Macabéa é análoga aos sonhos sexuais, que segundo Freud (1976, p.130), remete ao fato de o sonhador despertar do sono, "acompanhado de angústia; é antes um sinal de que o guardião vê a situação como perigosa demais e já não acredita poder dominá-la". Ao acordar "se sentia culpada sem saber o porquê, talvez porque o que é bom devia ser proibido"(LISPECTOR, 2020, p.30). É com um dilema que a história se apresenta, no limbo entre culpa e prazer. Afinal, ao sonhar com sexo sentia-se "culpada e contente" (LISPECTOR, 2020, p.30), de maneira que a narrativa descreve que a vida era como uma grande dor de dente, como um mal-estar atrelado à vida, considerando que "a vida é um soco no estômago". (LISPECTOR, 2020, p.75). A partir disso, reitera-se, a discussão de aspectos do mal-estar freudiano na relação com o próprio desejo negado, ilustrado por

Clarice(2020) através da descrição de Macabéa através de seu dilema culpa-prazer, perpassado por um contexto onde o corpo é visto como pecaminoso, como uma ameaça.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lispector (2020, p.32) ressalta que o descontentamento de Macabéa está atrelado à vida quando afirma que "talvez a nordestina tivesse chegado à conclusão de que a vida incomoda bastante". A obra remete a uma narrativa na qual se evidencia os aspectos do sofrimento humano advindos da relação com a cultura a partir do corpo ou no corpo, pelo qual emerge o mal-estar. Ressalta-se, em razão disso, os aspectos discutidos no presente trabalho: a influência da ética cristã na relação dos sujeitos com o próprio corpo e desejo.

Dessa forma, argumenta-se que o corpo não é uma tábula rasa a ser preenchida durante a vida, antes, é perpassado pelo determinismo biológico, pelos desejos dos nossos pais, por estigmas sociais, por normas sociais que disciplinam os sujeitos e mediam a relação com a cultura. É por meio do corpo que, segundo a descrição da autora, Macabéa se excita e reprime sua pulsão, considerando que sua insatisfação se dá sobre o horizonte de uma felicidade que não se pode alcançar. As palavras tecidas por Clarice diante do novelo de A hora da estrela, se apresentam como bisturis defronte ao corpo mortificado de Macabéa, corpo pelo qual é proibido desejar. Sendo esse o paradoxo pelo qual se inscreve o sujeito neurótico diante da realidade: o paradoxo entre a sabedoria apolínea (que remete à razão) e a loucura dionisíaca (que remete à pulsão), o conflito entre a pulsão que vai contra a norma e exige renúncia em razão do civilizar-se, ou no caso de Macabéa, a adequação à uma norma religiosa.

A vida dói tal qual um soco no estômago porque implica na renúncia à satisfação pulsional, como um processo estrutural relacionado ao ser humano ser um ser de cultura de linguagem. Essa renúncia de parte da satisfação pulsional implica estabelecimento de limites mediante o convívio social e a tentativa do encaixe neurótico em um ideal.

É em razão falta constitucional que se constitui a dimensão do desejo humano, o que pode ser ilustrado através de literatura de Lispector 2020, p.10)“que cada um a reconheça em si mesmo porque todos nós somos um e quem não tem pobreza de dinheiro tem pobreza de espírito

ou saudade por lhe faltar coisa mais preciosa que ouro – existe a quem falte o delicado essencial”. Mediante a falta é por essa dimensão que a protagonista é apresentada: lhe faltava um amor e ser amada, lhe faltava beleza, havia ausência. Faltava-lhe a sensação de completude, segundo a autora lhe sobrava vazio. Vazio de quê? É mediante a falta que se inscreve a dimensão do desejo. Afinal, quem deseja o que se tem? O desejo revela a falta e pela falta Macabéa traz em si parâmetros do leitor identificar-se, afinal, "quem não tem pobreza de dinheiro tem pobreza de espírito ou saudade por lhe faltar coisa mais preciosa que ouro - existe a quem falte o delicado essencial" (LISPECTOR,2020, p.22).

O mal-estar diante da falta é posto em evidência de forma a contemplar um objetivo: a identificação com a personagem, o que pode ser observado no trecho, conforme reitera Lispector: "cada um a reconheça em si mesmo"(2020, p.22). Verifica-se, portanto, que identificar-se com Macabéa é reconhecer em si mesmo o próprio mal-estar diante da relação com a vida, com a cultura, com seu corpo e com o Outro.

A escrita de Lispector (2020) suscita ao debate questões referentes ao corpo e ao mal-estar, a narração é tida como uma constante dor de dentes, como dentina exposta, visto que essa dor fina e aguda perpassa exaustivamente a vida do sujeito humano como um mal-estar até o cessar das pulsões, a morte. É sobre esse reencontro com a ausência de desprazer, com o cessar das pulsões, que se apresenta a tendência de retorno ao estado inorgânico. Na morte ocorre o cessar do mal-estar uma vez que há a morte do desejo. Se não há desejo, há ausência de mal-estar visto que a dimensão de falta deixa de existir do ponto de vista do sujeito desejante. Assim, o soco no estômago que ilustra o mal-estar em relação à vida deixa de existir. é mediante o exposto no presente trabalho que se propõe a intersecção entre literatura e psicanálise e A hora da estrela, ponderando-se, a partir disso, o mal-estar relacionado a interação dos sujeitos com a vida, a cultura e a apresentação de recursos descritivos relacionados à condição de miséria, desamparo e sofrimento presentes em A hora da estrela. Sendo assim, afirma-se que a vida dói tal qual um soco no estômago porque está relacionado a um desamparo constitucional mediante a relação do sujeito com o Outro, o mal-estar diante da vida .

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, Flavio Lemos. **A política religiosa da monarquia inglesa sob Jaime I e a crítica de Francisco Suárez na Defensio fidei (1613)**. 212 f. Dissertação (mestrado) Departamento da Universidade de História da Universidade Federal Fluminense, 2012.

ALMEIDA, Maria. A noção judaico-cristã do corpo e seus afetos plásticos na dança contemporânea. **O Percevejo**, Rio de Janeiro, v. 3, n.I, p.1-24, 2011.

Barbosa, M. R., Matos, P. M. & Costa, M. E. “Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. **Psicologia e Sociedade**, 23(1), 24-34, 2011. Disponível em; [https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/5177/1/A%20Compreens%C3%A3o%20do%20Corpo%20na%20Dan%C3%A7a\\_um%20olhar%20para%20a%20contemporane.pdf](https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/5177/1/A%20Compreens%C3%A3o%20do%20Corpo%20na%20Dan%C3%A7a_um%20olhar%20para%20a%20contemporane.pdf). Acesso em 18 de ago,2022.

BÍBLIA, N. T. Mateus. In BÍBLIA. Português. **Bíblia King James fiel: Antigo e Novo Testamentos**. Tradução de José Simão. São Paulo: Sociedade Ibérico Americana, 2011.

CAMPOS, Érico Bruno Viana; SILVA, Amanda Nunes da. O desamparo como categoria afetiva fundamental do mal-estar na atualidade: um ensaio psicanalítico. **Rev. Psicol. UNESP**, Assis, v. 19, n. 1, p. 67-87, jun. 2020 Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-90442020000100005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-90442020000100005&lng=pt&nrm=iso). acesso em 12 set. 2022.

CASAGRANDE, Carla; VECCHIO, Silvana. Pecado. In: LE GOFF, J. SCHMIDTT, J. **Dicionário temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: EDUSC, 2002.

DAÓLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1995, 7ª ed. 2003.

DIAS, Maria. O sintoma: De Freud a Lacan. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 2, p. 399-405, mai/ago. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/mKqnLTRgwYbCCcQGr4GxjWg/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 20 de out,2022.

FINK, Bruce. **Introdução à clínica à psicanálise Lacaniana**. Rio de Janeiro: Zahar; 1ª edição, 2018.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In: **O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos**: edição standard brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1976 a.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1976 b.

JULIEN, Philippe. (1991). **O manto de Noé**: ensaio sobre a paternidade. Rio de Janeiro: Revinter, 1997.

KELSEN, Hans. **Teoria geral das normas**. Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris Editor, 1986.

LACAN, Jacques. **Os complexos familiares na formação do indivíduo**. In J. Lacan. Outros escritos (pp. 29-90). Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

LACAN, Jacques. O seminário, livro 20, mais ainda. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1982.

LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. **Uma história do corpo na Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2020.

MELMAN, Charles. **A neurose obsessiva**. Rio de Janeiro: Nazar, Companhia de Freud, 2004.

PAYER, Pierre. Sex and the new medieval literature of confession, 1150-1300. Toronto: **Pontifical Institute of medieval studies**, 2009.

PROSE, Francine. **Para Ler Como Um Escritor: Um guia para quem gosta de livros e para quem quer escrevê-los**. 1ª edição. Brasil. Zahar, 2008.

ROSÁRIO, N. M. **Mundo contemporâneo: corpo em metamorphose**. (2006). Disponível em: [http://www.comunica.unisinos.br/semiótica/nisia\\_semiotica/conteudos/corpo.htm](http://www.comunica.unisinos.br/semiótica/nisia_semiotica/conteudos/corpo.htm). Acesso em: 05 ago. 2022.

SILVA, J. CAVALCANTE, T. **Discurso e identidade na obra A hora da estrela de Clarice Lispector**. Instituto Federal de Pernambuco. Campus Garanhuns. Curso de Pós-graduação Lato Ssensu em linguagens e práticas sociais, 2021.

SILVA, Magali Milene. Freud e a atualidade de O mal-estar na cultura. **Analytica**, São João del Rei , v. 1, n. 1, p. 45-72, dez. 2012 . Disponível em:  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2316-51972012000100004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-51972012000100004&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 01 dez. 2022.

VIEGAS, S, A. **A importância do Corpo na Sociedade Grega**: na vida e na morte. Revista Eletrônica Da Antiguidade, Rio de Janeiro, n, II, 2012.